

O VOO DA GAIVOTA BRANCA: A REPRESENTAÇÃO DA MORTE EM *O BEIJO DA PALAVRINHA*

Claudia Barbosa de Medeiros

Mestranda em Literaturas Portuguesa e Africanas – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Em *O beijo da palavrinha*, o escritor moçambicano Mia Couto apresenta o tema da morte, inserindo-a num contexto em que pesam outras privações, sem, no entanto, prescindir de um estilo marcadamente poético. A partir de metáforas relacionadas ao mar, à terra e ao ar, Couto reflete sobre a significação da morte e constrói uma Maria Poeirinha, bastante frágil no corpo, mas intensa no seu imaginar de menina. Categorizada como literatura infanto-juvenil, a obra vale-se de um contorno onírico, que seduz pela linguagem e pelas imagens criadas, para conduzir o leitor-mirim neste delicado tema.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil moçambicana – Mia Couto. Mia Couto – *O beijo da palavrinha*. Morte – Tema literário.

Abstract: In *O beijo da palavrinha*, the Mozambican writer Mia Couto presents the theme of death and other losses, without, however, renouncing a distinctly poetic style. Using metaphors related to sea, land and air, Couto reflects on the meaning of death and builds a character called Maria Poeirinha, fragile girl in her body, but intense in her imagination. Categorized as literature for children, the work leads with a dreamy contour, what seduces one by its language and images created to introduce the child reader to this delicate topic.

Keywords: Mozambican Literature for Children – Mia Couto. Mia Couto – *O beijo da palavrinha*. Death – Literary Theme.

Maria Poeirinha era muito pobre. Não sabia ler. Ainda criança adoeceu tão gravemente. A partir dessas três carências, respectivamente dinheiro, alfabetização e saúde, Mia Couto, escritor moçambicano, elabora *O beijo da palavrinha*, de 2006, uma história infanto-juvenil recheada de sentidos metafóricos aos quais ele recorre, essencialmente, para tratar do tema principal da obra: a morte. Ao confrontar-se com a doença de Maria Poeirinha e sem recursos financeiros para tratá-la, a família vê como única salvação possível aceitar a estranha sugestão do tio Jaime Litorâneo: levá-la para ver o mar. Sendo isto impossível diante da fragilidade do seu corpo, a personagem busca uma maneira distinta de “ver” esse mar, outras possibilidades de estabelecer contato com o

mundo exterior e dessa interação fazer nascerem novas significações sobre si e a vida. É neste ponto que a narrativa torna-se mais poética e metáforas ilustram conceitos como liberdade, sonho, memória, vida e morte.

Terra e mar: contexto e referências

O tradicional “era uma vez” inaugura a história e aponta para uma indeterminação no tempo em que ela ocorre. É ambientada no interior de algum lugar, espaço também indefinido, uma aldeia simples, cuja única descrição física é possuir um rio. Não à toa, o aspecto físico das personagens é o que menos importa no texto: Maria Poeirinha, por exemplo, é apresentada como “uma menina que nunca vira o mar”, de sonhos pequenos e Zeca Zonzo era o irmão “desprovido de juízo”. Não se diz idade, se são grandes ou pequenos, gordos ou magros, brancos ou pretos, se têm um cacoete ou alguma característica corporal marcante. Se a morte é a própria desmaterialização da vida, Couto, ao priorizar aspectos psicológicos e comportamentais das personagens, aproxima o leitor do que pode ser a essência dessas personagens, sua composição incorpórea, em detrimento de tudo aquilo que lhes compõe do ponto de vista aparente, físico.

As referências físicas presentes na narrativa são, essencialmente, simbólicas. O que é uma “poeirinha” senão algo reduzido a um pó tão fino, por isso mesmo até fácil de ignorar? Aquela Poeirinha talvez retrate muitas Marias de uma Moçambique do pós-guerra, precisamente duas, contra o colonialismo e a seguinte, interna e civil, que deixou mais de um milhão de mortos, Marias de uma Moçambique ignorada em sua miséria pelo resto do mundo. Sobretudo as crianças foram as mais sacrificadas, pois diante de um presente caótico e desesperançoso, o futuro era improvável. As estruturas sociais elementares do país, como saúde, educação, família e trabalho foram mesmo reduzidas a pó e, não bastasse o caos social, com a população ainda tendo que conviver com fatores naturais que geram desequilíbrio, como a seca e as doenças, tipo malária e tuberculose. Uma Moçambique cuja crise econômica ao gerar todas as outras, ética, política, social, mergulha o país no passivo tempo das distopias. Um tempo, talvez, como disse tio Jaime Litorâneo, de “falta de maresia” e de excesso de poeirinhas.

Símbolo da terra, a poeira está associada àquilo estagnado, seco, sujo. E o mar? O extremo-oposto, símbolo do infinito, da imensidão, do horizonte, o mar traz as águas que lavam e purificam, com suas movimentações constantes, das ondas que, constantemente renovadas, nos empurram a muitas direções. O mar que curaria Maria Poeirinha é a renovação de que carecia Moçambique, são as águas de que o país precisa para lavar os resquícios da realidade sangrenta vigente nos anos 70, 80 e 90 e no início deste século. Ondas de esperança. A pequena Maria daquela aldeia, que trazia o mar no nome do nascimento e o pó da terra no nome do dia-a-dia, precisava urgente curar-se de toda aquela aridez, daquela ausência de infinito, daqueles sonhos pequenos que, juntos, haviam adoecido seu corpo e estavam na iminência de ceifar sua vida.

A morte em África: algumas significações

Tema espinhoso e complexo em qualquer idade, a morte tem significados e representações que variam tanto em decorrência da cultura e da religião em que se insere como também da relação que, individualmente, estabelecemos com a noção de finitude do ser, além de desentocar medos que, ao largo de uma vida, mantiveram-se guardados na caverna escura do nosso inconsciente. Quantos já não terão dito aceitar a morte como consequência irremediável da vida até o instante de confrontar-se com ela? Filmes e romances, desde há muito, nos acenam esses registros.

Para a pesquisadora das literaturas de África em língua portuguesa Carmen Tindó Secco, nas culturas africanas “a morte é encarada como renascimento e não como expiação” (SECCO, 2008, p. 155). Também há em algumas religiões ocidentais uma concordância com essa afirmação, visto que, para algumas, a morte é renascer para uma vida eterna, ao lado do Divino. No entanto, para as tradições africanas, não há a dicotomia “mundo dos vivos e mundo dos mortos”. Carmen Tindó ressalta a interação entre vivos e mortos, uma vez que “a travessia não é linear, pois a viagem não é para o outro mundo e, sim, para uma outra dimensão do universo cósmico; o tempo africano é labiríntico” (SECCO, 2008, p. 155)

A imagem de uma travessia – assim como a própria morte – é recorrente na literatura de Mia Couto. Normalmente a bordo de pequenas embarcações, as personagens deslocam-se em espaços físicos, míticos, oníricos e em tantos outros que se queira, porque o desejo maior não é pelo destino que se tem e sim, fazer a viagem, compreendê-la com a perspectiva daquele instante presente, mergulhar em suas significações, ressignificar-se a partir dela. Para Maria Poeirinha, chegara o tempo da travessia e o que aquela viagem iria lhe trazer, de antemão já lhe disseram, seria a cura, seu renascimento. Menina pobre, interiorana, de sonhos pequenos, molestada por grave doença, seu remédio era ver o mar:

Certa vez, a menina adoeceu gravemente. Num instante ela ficou vizinha da morte. O tio não teve dúvida: teriam que a levar à costa.

- Para que se cure, disse ele.

Para que ela renascesse tomando conta daquelas praias de areia e onda. E descobrisse outras praias dentro dela.

- Mas o mar cura assim tão de verdade?

- Vocês não entendem?, respondia ele. Não há tempo a perder. Metam a menina no barco que a corrente a leva em salvadora viagem (2006).

Maria Poeirinha, a menina de sonhos pequenos e de fome grande, renasceria, sim, mas não para aquela vida sem horizonte, renasceria na morte, para um voo de proporções maiores. Daquela vida de pequenas misérias, de falta de perspectiva e da moléstia, estaria curada. A travessia até o mar seria a travessia para uma nova Maria Poeirinha. Tio Jaime Litorâneo reconhecia “que a ele o mar lhe havia aberto a porta para o infinito”. Para o povo *bantu*, primeiros habitantes de grande parte do continente africano, marcando fortemente a cultura e as tradições desse território até os dias atuais, os espaços naturais eram lugares sagrados, portadores da força divina e dos fluidos geradores de vida. Nos mares, rios, árvores, lagos, moravam as divindades e os ancestrais, antepassados mortos dotados de respeito e de consideração:

Segundo essas crenças, os que morriam regressavam a esses locais sagrados e viravam ancestrais, podendo, a partir de então, aconselhar, punir e/ou proteger os vivos. Para os *bantu*, a morte se constituía como uma viagem infinita pela qual todos se encontravam, uma vez que os antepassados continuam unidos aos vivos, à família. Os laços vitais não se rompiam (SECCO, 2008, p. 158).

Diferente de algumas concepções cristãs em que a morte também pode ser vista como um rito de passagem, para o pensamento *bantu* na outra margem da travessia não há um Deus único e sim, uma congregação de antepassados, em condições bem mais evoluídas de existência e que ainda mantêm contato e influência sobre os vivos. A morte não é o fim, mas a continuidade da própria vida, o ponto de chegada de um percurso que começou no nascimento. Os mortos continuam se relacionando com os vivos, não há ruptura.

Entretanto, como destaca Ana Maria Teixeira Soares Ferreira, para ser elevado à categoria de ancestral, de antepassado, é necessário que sua morte seja positiva, uma “boa morte”, quer dizer, um fator natural, ocorrida na velhice, sem sofrimento ou ódio e, de preferência, em seu local de origem. É a morte considerada um acontecimento sociocultural, além de biológico. A má morte é a que decorre da transgressão dessa tradição, é antinatural, apontando para um desequilíbrio entre a vida humana e a natureza e nesta categoria estão os suicidas, as vítimas da guerra e as crianças.

Neste sentido, a morte de Maria Poeirinha teria uma conotação negativa, além de ser “estéril” para a geração de um ancestral. Aquela vida prematuramente interrompida seria consequência da desestruturação social por que passa Moçambique, um retrato do desequilíbrio nas relações humanas, nas esferas mais básicas. Uma morte para servir de alerta da desordem que assola o país. Se a morte precoce de Maria Poeirinha é estéril para o universo da ancestralidade, ela é fecunda em outras dimensões. Em *O beijo da palavrinha*, liderada pelo tio Jaime Litorâneo, toda a aldeia se mobiliza em torno da cura da menina, levando-a para ver, de alguma forma, o mar, o que nos faz ter esperança na mobilização da população moçambicana em torno de um objetivo comum, neste caso, a reestruturação política e social do país.

a morte raramente é vista como uma inutilidade, mesmo quando ceifa a vida de crianças inocentes e de adultos em idade produtiva. Como já vimos anteriormente, a morte constitui-se, em muitos contos, um momento de redenção, de fuga a uma realidade de sofrimento, o que lhe retira a sua carga de dramatismo, como se, no contexto moçambicano, só pela fantasia ou pela morte os homens possam readquirir a dignidade perdida (FERREIRA, 2007, p. 385).

Um olhar para Moçambique

Trazendo para a instância literária algumas marcas da herança cultural de seu país, Couto também apresenta, no contexto de sua obra, um retrato da Moçambique de seu tempo. Predominantemente rural, o território moçambicano conta com dois terços da população morando e dependendo dessas áreas, apesar do acelerado processo de urbanização em que se encontra. No ano de sua independência, 1975, a população da área rural chegou a 90%. Em comparação com o espaço urbano, a zona rural vive exposta à pobreza e ao isolamento em proporções bem maiores, em luta permanente contra a fome, a falta de trabalho e a proliferação de doenças. Diante disso, como não enxergar o contexto rural visto em *O beijo da palavrinha*, como uma autorreferência do seu país natal?

Em contrapartida, é em torno do espaço rural que as tradições de um povo são mais facilmente mantidas, preservadas da frenética modernidade que a tudo padroniza (naturalmente com o padrão estabelecido pelos países economicamente favorecidos, o que não é – ainda – o caso do continente africano). Essa preservação da memória cultural deve-se, muito em parte, a importância que a oralidade tem para a população rural, uma vez que a grande maioria desconhece o português como língua materna e tem nas línguas nativas – a maioria, ágrafas – o seu instrumento de comunicação. Miguel Lopes chama de “cultura acústica” essa tradição oral e explica:

Uma das características mais marcantes desta comunidade chamada Moçambique é a de ela possui traços extremamente fortes de oralidade, que parecem configurar uma cultura essencialmente acústica. Designo por cultura acústica a cultura que tem no ouvido, e não na vista, seu órgão de recepção e percepção por excelência. [...] Sua oralidade é flexível e situacional, imaginativa e poética, rítmica e corporal. Vem do interior, da voz, e penetra no interior do outro, através do ouvido, envolvendo-o na questão (LOPES, 2003, p. 266).

A cultura acústica, “imaginativa e poética” na qual, sugere o texto, Maria Poeirinha, moçambicana do campo, da aldeia simples, esteve pela vida toda inserida, marcará mais fortemente sua presença. Diante da grave doença que fragiliza seu corpo, a menina

personifica radicalmente a citação de Miguel Lopes: seu órgão de recepção e percepção não só dos símbolos culturais como de qualquer elemento do mundo exterior é o ouvido, neste ponto da narrativa, ainda mais. Não podendo sair para ver o mar, em decorrência da debilidade física, mar que nunca vira antes, será pelas mãos, pela voz e pela intervenção criativa de seu irmão, Zeca Zonzo, que Maria Poeirinha conseguirá fazer a travessia tão necessária até o mar.

A mãe pegou nas mãos da menina e entoou as velhas melodias de embalar. Em vão. A menina apenas ganhava palidez e o seu respirar era o de um fatigado passarinho. Já se preparavam as finais despedidas quando o irmão Zeca Zonzo trouxe um papel e uma caneta.

- Vou-lhe mostrar o mar, maninha.

Todos pensaram que ele iria desenhar o oceano. [...] Mas não. Zonzo apenas rabiscou com letra gorda a palavra “mar”. Apenas isso: a palavra inteira e por extenso (2006).

Mar: um mergulho metafórico

O mar, então, surge para Maria Poeirinha não na sua forma original, nem ilustrativa: eis que surge pela palavra escrita. Parte do mundo das letras ao encontro da criação mental que a menina fará dele pouco a pouco, numa experiência de leitura e de imaginação compartilhada com Zeca Zonzo. Matéria-prima da literatura, a palavra quanto mais polissêmica, mais se aproximará da ideia da palavra-arte, da palavra poética. E tal como a poesia – tão essencialmente conotativa –, o mundo infantil vale-se de imagens para construir sentido. Decorre daí a salutar tendência da criança a abstrair-se da realidade e viver, em tantos momentos, no mundo da fantasia. E era nele, não obstante a fraqueza de seu miúdo corpo, que Maria Poeirinha começava a renascer:

- Vês esta letra, Poeirinha?

- Estou tocando sombras, só sombras, só.

Zeca Zonzo levantou os dedos da irmã e soprou neles como se corrigisse algum defeito e os ensinasse a decifrar a lisa brancura do papel.

- Experimente outra vez, mana. Com toda a atenção. Agora, já está sentindo?

- Sim. O meu dedo já está a espreitar.

- E que letra é?

- É um “m”.

E sorriram os dois, perante o espanto dos presentes. Como se descobrissem algo que ninguém mais sabia. E não havia motivo para tanto espanto. Pois a

letra “m” é feita de quê? É feita de vagas, líquidas linhas que sobem e descem. E Poeirinha passou o dedo a contornar as concavidades da lettrinha.
- É isso, manito. Essa letra é feita por ondas. Eu já as vi no rio.
- E essa outra lettrinha, essa que vem a seguir? (2006).

Numa espécie de rotatória constante, Maria Poeirinha, o irmão e o mar brincam de ir e vir: das letras para a invenção, retornando às letras, reinventando-se, assim sucessivamente. Entre a representação gráfica da palavra e sua imaginação, a voz de Zeca Zonzo surge como intermediária perfeita. Provavelmente, a menina não teria conseguido “ver” o mar não fossem as mãos do irmão agarradas às suas, num entrecruzamento entre imaginar e sentir. Então, o que Maria Poeirinha começava a “ver” não era o mar, mas a ideia afetiva que fazia dele.

Outro elemento vem auxiliar Maria Poeirinha na composição do seu mar: a voz de Zeca Zonzo. Assim como as mãos de um e de outro se unem num mesmo compasso, o diálogo com o irmão, a fala dele a estimular, a perguntar, a resgatar memórias, também ajuda na travessia. Entre mãos e voz, a palavra escrita é a canoa a transportar a menina para além dos limites do espaço em que vivia, a fazê-la abrir os olhos para dentro e ver possibilidades e sonhos inéditos.

- Essa a seguir é um “a”. É uma ave, uma gaivota pousada nela própria, enrodilhada perante a brisa fria.
Em volta todos se haviam calado. Os dois em coro decidiram não tocar mais na letra para não espantar o pássaro que havia nela.
- E a seguinte lettrinha?
- É uma letra tirada da pedra. É o “r” da rocha.
E os dedos da menina magoaram-se no “r” duro, rugoso, com suas ásperas arestas (2006).

Mesmo sem dominar a língua escrita, Maria Poeirinha “lê” o mar, indo além da relação entre os significantes que se apresentam e os significados possíveis. Para ela, o ato de ler tornara-se uma atividade extra-linguística. O mar de Poeirinha não era um lugar já pronto, ao contrário, estava em construção, num interessante estado de vir-a-ser, em cada letra decifrada e constituída de sentido a partir das memórias trazidas pela menina. Quando a leitura de “mar” enfim é concluída, as sensações que, antes, restringiam-se aos participantes envolvidos diretamente naquele processo de leitura, passam a ser

compartilhadas pelos demais presentes. Afirmado-se como uma cultura acústica, é através do som que o mar chega para todos

O tio Jaime Litorâneo, lágrima espreitando nos olhos, disse:
- Calem-se todos: já se escuta o marulhar! (2006).

Foi feita, enfim, a travessia. Mergulhada no mar, Maria Poeirinha é destituída daquele antigo corpo doente e beijada pela imaterialidade da morte, ou melhor, pela imortalidade da vida. Num último esforço, seus sentidos físicos foram esgotados e encerrados no árduo exercício de leitura e de compreensão daquela tal palavrinha, mar. Seu pequeno ser metamorfoseado em outro quase incorpóreo, banhado de branco, ganha asas e ergue-se diante da vida, uma outra vida que não aquela que vemos com os olhos que se voltam para fora. Dali para adiante, o horizonte seria seu leito e o infinito, sua casa.

Considerações finais

Tratar da morte literariamente é um desafio de gigantes diante da quantidade de simbologias e valores culturais que o tema agrega. Talvez ainda mais em se tratando de África, continente em que a maioria das tradições cultua os mortos tanto quanto se faz preciso cuidar dos vivos. Mia Couto, em *O beijo da palavrinha*, não isenta seu texto da dimensão sagrada que há na morte e nos mortos de acordo com as crenças ancestrais, mas também se serve do tema para refletir sobre a condição do ser moçambicano. Afirma sua característica de ser um escritor que traz para suas obras ecos da tradição e traços da modernidade, construindo, assim, pontes de significação entre o passado e o presente.

O beijo da palavrinha é, simultaneamente, um espaço de crítica social e de elaboração do onírico, da fantasia e do imaginário. Diante de um arcabouço metafórico e tendo a misteriosa experiência da morte como pano de fundo, Mia Couto reflete sobre as inviabilidades do dia-a-dia contemporâneo de Moçambique, como a fome, as doenças e

a miséria sem, no entanto, renunciar ao tom otimista, sugerido pela união das pessoas da aldeia em torno da cura de Maria Poeirinha e de suas superações. A leveza da morte está representada na transformação da menina em uma gaivota branca. Nesse jogo de metamorfoses, abre-se uma fresta: é possível sonhar uma Moçambique mais humanizada? O clima de esperança favorece a que se reencontrem caminhos e se queira pelos olhos de uma gaivota branca vislumbrar novos cenários.

Referências

COUTO, Mia. *O beijo da palavrinha*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2006.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil: teoria e prática*. São Paulo: Ática, 1987.

FERREIRA, Ana Maria Teixeira Soares. *Traduzindo mundos: os mortos na narrativa de Mia Couto*. Tese de Doutorado (Literatura). 2007. 560 f. Universidade de Aveiro, Departamento de Línguas e Cultura, Aveiro, 2007.

LOPES, José de Souza Miguel. Cultura acústica e cultura letrada: o sinuoso percurso da literatura em Moçambique. In: LEÃO, Ângela Vaz (Org.). *Contatos e ressonâncias*. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2003.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro. Representações da morte em textos literários de Angola e Moçambique. IN: AMÂNCIO, Íris Maria da Costa (Org.). *África-Brasil-África: matrizes, heranças e diálogos contemporâneos*. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2008.

Recebido em 28/03/2013
Aprovado em 08/07/2013